

DOIS PÖNTOS: Opinião e Crítica no Jornalismo Literário¹

Érika Letícia de Oliveira RODRIGUES²
Edson Ramos de Oliveira COSTA³
Mairon Hothon Nascimento TORRES⁴
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO

A revista “Dois Pöntos” foi desenvolvida como avaliação da disciplina Planejamento Visual em Jornalismo I, do curso de Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A interdisciplinaridade dos debates teóricos e a autonomia concedida aos alunos permitiram, mesmo que não fosse o foco da disciplina, uma reflexão sobre o jornalismo de revista e sua linguagem, o papel de analista e o direito de opinar no Jornalismo Cultural. Porém, como foco da disciplina, o trabalho nos permitiu o domínio das técnicas e estilos de Planejamento Visual e Editoração de conteúdo jornalístico para mídia impressa.

PALAVRAS-CHAVE: Revista; Editoração; Cultura; Crítica; Planejamento Visual.

1 INTRODUÇÃO

Em agosto de 2010 o tradicionalíssimo Jornal do Brasil (JB), fundado no Rio de Janeiro em 1891, encerrou a publicação na versão impressa, e passou a disponibilizar o conteúdo exclusivamente na web. Na ocasião, o então ministro de Comunicação Social do Governo Federal, Franklin Martins, afirmou que esse era um caminho natural, e que, dentro de 25 anos, todos os jornais já terão abandonado o papel e se instalado por completo e em definitivo na web.

Entretanto, a produção de conteúdo impresso segue padrões que a internet ainda não acompanhou. Tradicionalmente, o Jornalismo Impresso costuma oferecer maior fôlego na

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 13 Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião (avulso). Trabalho orientado pelo professor Valmir Alves Teixeira Junior, docente de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo. Especialista em Marketing e Propaganda pela Escola Superior de Marketing (Recife 2006). E-mail: valmirmizio@gmail.com

² Aluna líder do grupo e estudante do 4º. período do Curso de Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo. E-mail: erika_leticia253@hotmail.com

³ Estudante do 6º. período do Curso de Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo. E-mail: edson_costa16@yahoo.com.br

⁴ Estudante do 8º período do Curso de Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo. E-mail: maironhothon@gmail.com

análise, interpretação e mesmo opinião dos fatos. A mobilidade que o impresso trazia tem sido igualada pelo barateamento e popularização dos dispositivos eletrônicos móveis (notebooks, tablets e smartphones), mas o impresso ainda atende a um gosto cultural de achar confortável a leitura no papel.

Dentro do impresso, mais especificamente, existe o Jornalismo de Revista. A autora Marília Scalzo (2004) no livro “Jornalismo de Revista” relata o envolvimento emotivo que as pessoas criam com suas revistas favoritas. “É isto: revista tem foco no leitor – conhece seu rosto, fala com ele diretamente. Trata-o por ‘você’.” (SCALZO, 2004. p 15). Esse tipo de impresso costuma gozar de maior tempo de produção em sua periodicidade, e também do compromisso de atender a um público ou tema mais específico. Por isso, podem produzir conteúdo mais aprofundado que, diz Scalzo, gera identificação pessoal e transforma-a numa companheira.

Sabendo-se de alcance mais restrito, porém mais íntimo, a revista se propõe a ser mais opinativa e analítica. Scalzo exemplifica que, quando há um terremoto, as redações de jornais e telejornais também tremem para noticiar com rapidez; mas as revistas não tremem, pois, com mais tempo entre o fato e sua chegada às mãos do leitor, precisam noticiar o terremoto com algo a mais, com aquilo que ninguém ficou sabendo.

Os gêneros de arte e cultura, clássica e contemporânea, por sua vez, encontram ainda suas mais importantes críticas e resenhas na revista impressa. Daniel Piza (2003) conta que durante todo o século XX, as revistas foram fundamentais não somente para noticiar os atos de efervescência intelectual, mas também para dar-lhes periodicamente novo fôlego de vida. Ele conta que os principais movimentos artísticos de vanguarda, na Europa e no Brasil, foram debatidos e até formulados em revistas.

Mas, muito além de sua importância para o jornalismo, à produção de peças gráficas voltadas a confecção de impressos tem fluído no mercado e fruído das tecnologias cada vez mais sofisticadas. Burke e Briggs (2004) contam que o ato de imprimir em si, fazia com que as pessoas dessem mais valor a mensagem. E o padrão de profundidade de informação visto ainda hoje na era digital, mostra a mensagem impressa com maior prazo de validade.

Softwares mais modernos surgem por meio de amplas pesquisas das necessidades de profissionais. E estes, por sua vez, adquirem maior senso crítico do momento de

redefinições de padrões culturais e mercadológicos, ao mesmo tempo em que se familiarizam com as novas possibilidades.

2 OBJETIVO

O objetivo da produção dessa revista foi a capacitação dos alunos da disciplina de Planejamento Visual em Jornalismo I, no que diz respeito aos conceitos preliminares do Jornalismo Impresso, domínio dos softwares de manipulação de imagens e planejamento de peças gráficas impressas.

Além dos critérios técnicos, o conteúdo teórico exposto provocou reflexões sobre tendências e formatos estéticos possíveis à produção, desde a escolha de temas centrais até os recursos de ilustração e informação imagética. Familiarizar o padrão de jornalismo de revista, desde a definição do gênero até a pós-produção, foi mais um dos objetivos do trabalho.

Logo, a revista “Dois Pöntos” possibilitou ampla experimentação estética, e teste de viabilidade dos crivos individuais no trabalho final. Por fim, a revista “Dois Pöntos” teve a intenção de servir como avaliação final da disciplina, pois reuniu todas as técnicas e conceitos vistos na disciplina estudada.

3 JUSTIFICATIVA

A crítica literária é um gênero que, segundo se supõe, tende a desaparecer na imprensa, pois são poucos os jornais que se dedicam a apreciação de obras lançadas no mercado. Em lugar dela, surge o noticiário leve sobre os livros, muitas vezes ilustrado com a foto da capa, e mencionando o título, o autor, a editora, o resumo do conteúdo, o número de páginas e o preço. Esses elementos são fornecidos pelos interessados, ou o redator limita-se a copiar informação constante das orelhas dos livros e dos catálogos ou boletins periódicos. (ERBOLATO, 1981, pag. 93).

O curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da UFS não possui uma disciplina específica de Jornalismo de Revista. Havendo essa disciplina de linguagem, planejamento e Técnicas de Editoração em mídia impressa, optou-se pelo produto da revista para exercitar também, mais especificamente, a linguagem desse veículo. Porém o tema da publicação, crítica cultural, foi definido pela sensação de perda de profundidade e esmero do jornalismo cultural. No trecho acima, ERBOLATO (1981) mostra ter previsto isso há mais de trinta anos. Ele fala especificamente da crítica literária em jornais, mas a revista “Dois Pöntos” e

suas demais modalidades culturais (música, perfil, artes plásticas) foram postas sobre a percepção de um vácuo editorial mais extenso e profundo do que o teórico poderia prever.

Porém, MARQUES DE MELO (2003) explica que o próprio termo crítica, e por tabela crítico, são usados no Brasil pela falta de hábito com o termo resenha, pois é isso que se tem feito em maior escala. Ele conta que o primeiro período da crítica se deu sob o crivo dos intelectuais, num momento de jornalismo amador e direcionado às elites. Porém, quando o jornalista se torna um profissional, o valor dos produtos culturais passa a ser avaliado pela sua posição no mercado.

Sem admitir a submissão de suas análises aos interesses da indústria cultural, os intelectuais migraram para veículos alternativos, que em sua maioria se destinavam as elites universitárias. Enquanto que o intelectual aprecia a arte e critica, o jornalista especializado faz resenhas de produtos artísticos comerciais. Deixa-se de falar na crítica da literatura e suas possibilidades, por exemplo, para falar na resenha de um livro e seu caráter de entretenimento comercial.

A mudança ocorreu, segundo MARQUES DE MELO (2003), na década de 1930. Antes disso, o mesmo público que consumia jornalismo cotidiano era consumidor das belas artes. Nessa década, os jornais passaram a ser produzidos em escala industrial, e o jornalismo de massa migrou da crítica intelectual para a resenha comercial. A crítica julga, enquanto que a resenha somente orienta.

Mas, fugindo de definições fechadas, Marques de Melo propõe o perfil e a identidade do crítico atual: “os críticos são, portanto, pessoas medianas que nem se caracterizam como ignorantes da área analisada, nem tampouco vivem numa torre de marfim, desconhecendo a sensibilidade do público e procurando entender as produções apreciadas num contexto mais amplo.” (MELO, 2003, pag. 137).

A produção da revista “Dois Pöntos” se preocupou em resenhar e criticar. Passar pelas obras como produtos postos no mercado que inegavelmente são, mas também adentrar nos méritos estéticos e psicológicos contidos em cada obra, dando atenção aos conteúdos e aos discursos. Mas, para tal caráter dúbio, foi preciso pensar no público sem sub ou superestimias. Foi preciso concordar que mesmo que não se tenha repertório para entender

algumas críticas de estilo, todos podem sentir o discurso central de uma obra por meio das provocações certas.

Chamaremos a mensagem jornalística de “encenação”, termo apropriado tendo em vista a grande diversidade de pessoas envolvidas no processo: correspondentes, bancos de imagens, fotógrafos, repórteres e todos os mediadores (gatekeepers). Há dois tipos de encenação: a dramática e a não dramática (...). A primeira rema contra a maré e é cheia de restrições severas, enquanto a segunda segue com a maré e tem um controle bem mais brando. Mas as duas têm o mesmo propósito, que é influenciar os consumidores da mídia. (BERGSTRÖM, 2009, pag. 71).

Por fim, a produção da revista Dois Pöntos se valeu da percepção de que, assim como a arte, o jornalismo é uma representação, uma mediação da realidade. Logo, Jornalismo Cultural é uma meta-representação em essência. Cresceu-se o desafio ao justificar toda a produção também na peculiaridade da mensagem impressa, que persiste em maior profundidade, durabilidade, conforto e credibilidade; e da mensagem impressa como revista, que persiste em maior intimidade, individualidade e inovação. Pois, como PIZA (2003) aponta, a revista abriga a vanguarda e costuma ser uma.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os procedimentos utilizados foram:

- a) Pesquisa bibliográfica com base em livros e artigos científicos que abordassem o tema.
- b) Trabalho prático constituído pela escolha das editoriais, elaboração das pautas, redação e produção das matérias e desenvolvimento do projeto visual.
- c) Finalização do projeto gráfico para a disciplina Planejamento Visual I
- d) Padronização do paper para envio ao XX Prêmio Expocom 2013 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação.

Haja visto, a necessidade do conhecimento prévio para desenvolvimento da atividade acadêmica para a criação da Revista “Döis Pontos”, foi-se necessária uma revisão da literatura que abordava questões do Jornalismo Impresso, bem como do Jornalismo Opinativo e das etapas da produção gráfica.

Após a compreensão prévia do assunto, foi o momento de colocá-las em prática. Em uma primeira reunião foi decidido o tema central da revista: cultura nacional e local. A

partir desse passo, foram decididas as editorias: Artes Visuais, Literatura, Música, além de um Perfil jornalístico (Retrato sem Porta). A escolha dos personagens estiveram relacionada à cultura local e nacional, como uma forma de aproximar os leitores de suas raízes culturais.

Decididas às editorias, foi realizada uma reunião de pauta, imprescindível para qualquer produção jornalística. A apuração, etapa seguinte, englobou a identificação das fontes, busca e coleta de informações. Em seguida os textos puderam ser produzidos e editados. Por fim, deu-se o processo de diagramação e arte-finalização. As etapas foram acompanhadas pelo professor orientador.

A produção gráfica da revista “Dois Pontos” foi desenvolvida nos softwares In Design, versão CS5, e Photoshop, versão CS3.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A revista “Dois Pontos” contém oito páginas, todas coloridas, três matérias opinativas e um perfil apresentando a cantora Bruna Caram. Conta ainda com uma carta dos editores e idealizadores do projeto, apresentando a proposta da revista. Foi desenvolvida em formato A4 e impressa em papel reciclado com gramatura em 70 gramas.

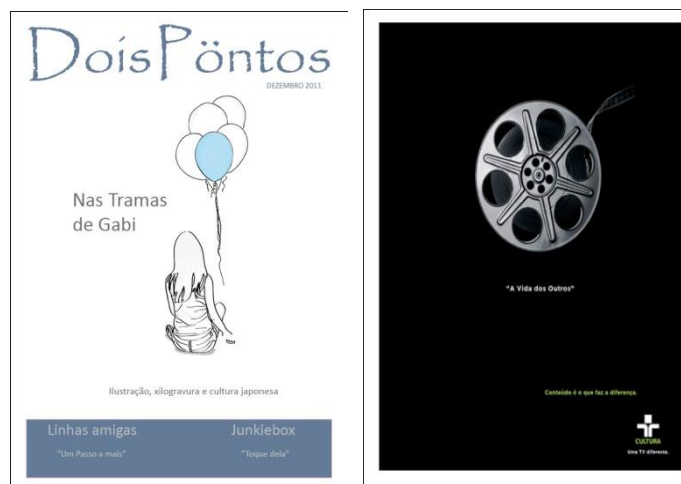


Imagem 1 – Capa (p. 1) e Contracapa (p. 8).



Imagem 2 – Editorial (p. 2), seção de perfil “Retrato sem porta” (p. 7).



Imagem 3 – Seção de literatura “Linhas amigas” (p. 3), seção de música “Junkiebox” (p. 6)

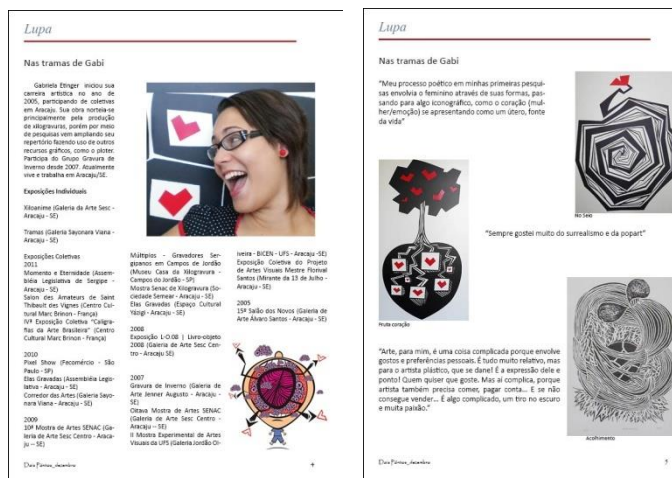


Imagem 4 – Seção de artes visuais “Lupa” (p. 4 e 5)
Fotos: Divulgação / Revista Dois Pontos

6 CONSIDERAÇÕES

(...) boa parte da discórdia vigente entre críticos e criadores é fictícia. Os críticos de qualidade não estão preocupados em encontrar falhas onde não existem. (...) assim como o público, o meio artístico também sente a carência de um olhar crítico; mesmo que num primeiro momento os ataques magoem, se eles forem consistentes – e não caírem na ofensa pessoal, o que infelizmente ainda costuma ocorrer na crítica brasileira – serão certamente ouvidos. A questão da crítica, como se vê, ainda é marcada por controvérsias dispensáveis. (PIZA, 2003, pag. 69 e 70).

Em momento algum a pretensão foi tamanha de pensar que graduandos de Jornalismo, numa disciplina que não se destina especialmente para isso, poderiam dominar a linguagem jornalística de revista de uma só vez. Tampouco que, os mesmos estudantes seriam experientes e competentes o bastante para resenhar e criticar sobre arte e cultura de modo universal – embora não se discuta a importância sempre presente da análise da cultura. Porém, o principal objetivo, que é a experimentação de gêneros e formatos pouco vistos na ementa do curso, foi satisfeito.

BURKE e BRIGGS (2004) contam que, por meio da impressão de textos e imagens, os idiomas derivados do latim se consolidaram como línguas oficiais na Europa ocidental, as visões religiosas aprofundavam o conflito de ideias, a impressão de imagens popularizou obras de arte, e os panfletos satíricos ampliaram a percepção política da população.

Por meio desse trabalho, e da disciplina finalizada por ele, foi possível experimentar todas as dimensões e valores da comunicação impressa e de como, mesmo hoje na era digital, a palavra e imagem impressa continuam com uma forte identidade. Permitindo-se experimentar a linguagem da revista, a linguagem da crítica e resenha de arte, e a pura linguagem do papel, mais uma etapa da formação jornalística e estética foi iniciada, e permitindo que a técnica de editoração não viva enfadonhamente isolada em si mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSTRÖM, Bo. **Fundamentos da Comunicação Visual**. São Paulo: Edições Rosari, 2009.

BURKE, Peter. BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.